

## UM OLHAR SOB O USO DE GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Marinalva de Sousa

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

marisousa\_letras@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo objetiva verificar a aplicabilidade dos gêneros textuais orais e refletir sobre seus usos, tendo em vista, a restrição destes nas aulas de Língua Portuguesa. Pretende-se que durante as aulas de língua materna não priorizem apenas os gêneros escritos, como se fossem os únicos importantes, mas que se tenha um olhar diferenciado para os orais, considerando-se que as atividades didáticas dentro dessa perspectiva, quando efetivadas na sala de aula de maneira sistemática e consciente por parte do docente e, conseqüentemente, dos discentes certamente promoverão a ampliação das capacidades de expressão oral destes. A prática da oralidade contribui significativamente para um ensino que atenda as peculiaridades da língua. Para isso, algumas etapas se fizeram importantes: I. Entrevista com cinco professores acerca de sua visão sobre os gêneros orais. II. Listagem dos gêneros orais mais trabalhados em sala de aula. O presente artigo é resultado de uma pesquisa de observação em que a pretensão consiste em dar ênfase aos gêneros orais durante as aulas de Língua Portuguesa, visto que, muitas vezes não há um olhar voltado ao uso desses gêneros no âmbito escolar, ocorrendo em sua maioria um distanciamento com relação a essa prática. Percebe-se, dessa forma, que uma proposta de ensino que atenda as perspectivas ancoradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1997) e na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (2016) ainda está um pouco distante da realidade escolar de muitos profissionais.

**Palavras-chave:** Gêneros textuais orais, Oralidade, Ensino de Língua materna.

### INTRODUÇÃO

O trabalho voltado à prática da oralidade em sala de aula apesar de ser tema de muitas discussões, continua sendo pouco efetivado. Um fator que está estreitamente relacionado à preponderância do ensino da escrita. Em contrapartida, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), reiteram a importância de um estudo capaz de atender os diversos gêneros que circulam em nossa sociedade. O que pretendemos aqui é mostrar a importância em se trabalhar com gêneros orais, para aguçar a oralidade dos discentes e formar cidadãos críticos em meio a uma sociedade tão corrompida pelos valores morais.

Muitos professores, infelizmente, não sabem como trabalhar com os gêneros orais e muito menos selecioná-los, os livros didáticos também não favorecem muito, pois deixam muito a desejar acerca dessa especificidade.

Desta forma, a pretensão é contribuir para um estudo minucioso na área da linguística textual, a partir de uma análise qualitativa, permeada com base na análise de teorias e

conceitos acerca dessa investigação. A abordagem teórica deste trabalho fomenta-se nos estudos de Bakhtin (2003), Maciel (2013) e Marcuschi (2003), que fazem referência aos gêneros textuais orais.

Este artigo objetivou destacar a importância em trabalhar os gêneros orais em sala de aula desde os espontâneos até o mais regulado, enfatizando que além de terem regras, obedecem a um planejamento estrutural e funcionam como elemento de interação. Assim, a valorização dos gêneros textuais orais é o objeto de estudo de nosso trabalho numa perspectiva didático-pedagógico.

O presente trabalho visa destacar alguns gêneros orais, em meio ao aglomerado dos que temos, mostrando a sua relação com os textos escritos, os quais deveriam ser trabalhados na sala de aula nessa perspectiva, tornando as aulas de língua mais motivadoras e significativas ao discente. Um estudo com foco nessa linha de raciocínio tende a desenvolver no sujeito habilidades e competência comunicativa.

Para a maioria dos alunos o estudo de gêneros se restringe aos escritos, os orais quase não são vistos. Assim, nossas reflexões se estabelecem a partir do olhar teórico de Bakhtin acerca dos gêneros textuais. Em sequência, os gêneros textuais orais, definidos por Marcuschi, Dolz, Schneuwly e Maciel; além de apresentarmos reflexões a respeito do que os PCN e a BNCC trazem como ensino da oralidade. Em por menores, teremos uma reflexão sobre o ensino dos gêneros textuais orais.

## **1. A dinamicidade dos gêneros textuais**

A língua é empregada em forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos. Esses enunciados possibilitam a comunicação através dos gêneros do discurso que estão presentes no campo da utilização da língua. Eles surgiram a partir das vivências das práticas sociais da nossa cultura, das necessidades humanas e dos avanços tecnológicos.

O caráter dinâmico dos gêneros vincula-se à vida social e cultural, como afirma Bakhtin (2003), os gêneros discursivos são elos transmissores que condicionam a história da linguagem à história da sociedade. Desta forma, um telefonema assume uma estreita relação com a conversação, ou por que não dizer que surgiu a partir dela. A tecnologia tem favorecido as inovações dos gêneros que, na verdade, surgem a partir do uso e do desempenho nas atividades diárias de comunicação.

Os gêneros textuais cumprem situações comunicativas diversas e devem se fazer presentes de forma sistemática nas aulas de Língua Portuguesa, pois o trabalho com gêneros permite que o aluno faça análises durante a produção e recepção dos textos que correspondem

à textualidade oral. Todavia, o que vimos é a falta de aceitabilidade em compreender o ensino da língua oral como abordagem escolar, uma vez que, antes de perpassarmos a apreensão do ler e do escrever já fazemos uso da fala.

Para muitos, a escrita é o padrão e a fala a expressão má estruturada. Com isso, acaba-se por minorizar à fala como se não perpassasse por fenômenos gramaticais que englobam aspectos tanto da oralidade quanto da escrita.

### **1.1 As especificidades dos gêneros orais**

O sujeito faz uso dos gêneros orais a todo instante, desde os mais simples aos mais complexos, e tende a adequar o gênero e a linguagem ao ambiente de uso, característico da dinamicidade do gênero. Muitos dos gêneros orais se assemelham com os da escrita. Para Marcuschi (2001), a efetivação dos gêneros de uso oral e escrito ocorre por meio da aproximação e do distanciamento que estão ancorados à tipologia.

Os gêneros orais pertencentes a esferas discursivas diferentes tendem a ser distintos durante o processo de produção, mas como afirma Maciel (2013), os textos da mesma esfera de produção apresentam semelhanças em suas modalidades discursivas.

Com isso, o professor deve ter um olhar didático que favoreça os elementos linguísticos caracterizadores de cada gênero e a escola, de certa forma, tem a incumbência de proporcionar momentos que favoreçam uma reflexão a esse respeito, mesmo que não seja a única. De acordo com o que ressalva Maciel:

Enquanto espaço institucional de ensino-aprendizagem, a escola se afirma como espaço de reflexão formal sobre a língua, o que implica, também, o ensino da produção de gêneros que exigem maior controle e monitoramento. Em outras palavras, os professores, assim como os Livros Didáticos, devem investir nos gêneros formais, tomando-os como objeto de ensino sistemático, a fim de habilitar o aluno a produzir discursivamente de forma eficiente (MACIEL, 2013, p. 65).

Portanto, o ensino de gêneros orais mais formais deve ser proporcionado pela escola, o que exige uma ação pedagógica planejada capaz de direcionar o falante a identificar os gêneros produzidos e a utilização de uma linguagem adequada à situação formal. Na sala de aula, o oral está imbricado à língua enquanto estrutura de escrita, e, é por meio dela (da escrita) que se faz a análise das variantes da oralidade em função da estruturação da escrita formal.

É importante destacar que as práticas da fala e da escrita encaminham e permeia a construção de textos coerentes e coesos no âmbito escolar, logo, uma não representa a outra, vejamos:

[...] A escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...]. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos [...]. Oralidade e escritas são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. (MARCUSCHI, 2003, p. 17)

Portanto, o uso da fala e da escrita no meio social entre falantes letrados evidencia a ocorrência de um desempenho oral insuficiente por limitar um letrado apenas ao domínio da prática da escrita. Os gêneros orais devem estar presentes nas atividades pedagógicas do docente como um suporte ao letramento, proposta de produção textual a partir da oralidade é importante, para que a escrita não seja a única apresentável, mas que haja um trabalho voltado à oralidade na mesma proporção e/ou similar à forma que os professores voltam-se à escrita.

A preocupação, evidentemente, é com o ensino do oral formal, até porque os gêneros orais espontâneos fazem parte do cotidiano do falante, não tendo necessidade de serem ensináveis, pois o indivíduo já os domina. Inúmeras são as formas orais que abrangem a realidade escolar, tais como, entrevista, debate, homilia, exposição, entre outros. Assim, o grau de formalidade dos gêneros é determinado com base no lugar social de comunicação. Atividades com foco na modalidade oral culta e em outras modalidades permitem que o aluno disponha da diversidade linguística que o permeia.

Por isso, selecionar textos veiculados na mídia, como, jornais, reportagens, noticiários, etc.; levam os alunos a situações reais que fazem sentido para eles.

Os gêneros orais [...] são instrumentos – ou melhor, megainstrumentos, visto que podemos considerá-los como a integração de um grande conjunto de instrumentos num todo único – que fazem a mediação da atividade de linguagem comunicativa. Falta-nos ainda escolher, dentre uma enorme variedade de gêneros, aqueles que podem, e talvez mesmo devam, tornar-se objeto de ensino. Já que o papel da escola é sobretudo o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal. Por um lado, [...] exposição, relatório de experiência, entrevista, discussão em grupo etc [...] e, por outro lado, aqueles da vida pública no sentido *lato* do termo (debate, negociação, testemunho diante de uma instância oficial, teatro etc.) (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 174).

Assim, trabalhar com gêneros orais é permitir alavancar novos horizontes que viabilizam a ação linguística e o aprendizado, cujo ensinável é o oral mais elaborado, o que possibilita ao falante articular a linguagem condizente com o contexto social, tendo em vista a

especificidade do gênero, o que o torna poliglota na própria língua. Desta forma, é importante que o docente considere durante a construção das atividades pedagógicas, segundo a BNCC (2016) “[...] as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram”.

## **2. A oralidade e o espaço escolar**

A capacidade de compreender a diversidade de gêneros textuais dentro das diferentes situações de interação tem sido um dos objetivos do ensino de língua materna. Todavia, este ensino encontra-se bastante limitado à escrita, questão decorrente da grande divergência que a escola traça com relação ao que os PCN apresentam como requisito do ensino de Língua Portuguesa. Segundo os PCN:

[...] para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar - a que se parece com a escrita - e o de que a escrita é o espelho da fala - e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. [...] (BRASIL, 2000, p. 31-32).

A escola precisa compreender que não é detentora da verdade, sendo assim, não pode consertar a fala do aluno, entretanto corrobora para um ensino diversificado possibilitando que nas aulas de língua portuguesa se faça presente um estudo voltado à oralidade, pois a falta de sensibilidade para produção didática com esse enfoque ainda é muito recorrente. Os livros didáticos, por exemplo, abordam os gêneros orais de forma ainda bastante limitada. Logo, a maioria deles está à margem do que os PCN consideram como recomendável, e isto reflete no ensino com ênfase na oralidade.

O ensino de língua materna deve possibilitar uma aprendizagem baseada também na valorização do oral. A incumbência com relação à inserção de atividades exigidas pela escola que atendam apenas um eixo de ensino, nesse caso, a escrita, não terá sentido se o produto final for sempre direcionado ao texto escrito. A pretensão é que se tenha consciência das inúmeras possibilidades de um trabalho efetivamente voltado à oralidade, distante de quaisquer preconceitos que se evidencie diante dessa prática. Um ensino significativo utilizando-se da oralidade é possível, no entanto, a escola precisa junto ao professor possibilitar essa prática.

O trabalho voltado ao uso de gêneros permite ao aluno a compreensão das peculiaridades do discurso dentro de sua específica finalidade comunicativa, apesar de que os voltados à oralidade ainda não são explorados tanto quanto deveriam. O professor precisa propor atividades diversificadas para que o aluno faça uso das modalidades: oral e escrita.

A proposta do docente deve partir desde uma entrevista, um simples relato de experiência até um debate que exija mais do aprendiz; o despertar para essas habilidades permite que haja uma maior relação entre ensino-aprendizagem, o que remete, no primeiro momento, uma instância à pesquisa. O aluno constrói o seu conhecimento ao se apropriar dos discursos de outrem, todavia, precisa de uma direção, uma orientação para que faça uma leitura reflexiva e crítica.

Estratégias dentro desta perspectiva permite ao aluno o uso da linguagem formal, a qual deve ser empregada nas diversas esferas comunicativas, além de permitir que o indivíduo se posicione de forma crítica diante desses feitos.

Trabalhar os orais pode dar acesso ao aluno a uma gama de atividades de linguagem e, assim, desenvolver capacidades de linguagem diversas; abrem-se, igualmente, caminhos diversificados que podem convir aos alunos de maneiras diferenciadas, segundo suas personalidades. (SCHNEUWLY 2010, p. 117)

A contribuição dos gêneros orais à vida dos alunos é gigantesca, trabalhos com esse foco permite aos educandos o uso de suas habilidades, os quais aprendem a lidar com elas e as utiliza diante das diversas atividades que lhes são propostas.

### **3. Metodologia**

A elaboração deste artigo consiste em uma metodologia voltada à Análise do Conteúdo. Segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social.

Para tanto, optou-se por uma análise de entrevista, a qual foi realizada de forma individual, tendo como colaboradores cinco docentes, de uma rede municipal de ensino da disciplina de Língua Portuguesa. A entrevista envolveu questionamentos acerca da utilização dos gêneros orais em sala de aula nas aulas de língua materna, bem como, os gêneros orais mais trabalhados por cada um dos professores durante sua prática pedagógica.

#### **3.1 Análise e discussão dos dados**

Apresentamos os resultados do estudo, assim como a discussão dos conceitos desenvolvidos na revisão da literatura. Primeiramente, é mapeado o perfil dos professores com base nos dados demográficos coletados numa entrevista, entendemos que essas informações revelam-se fundamentais para a compreensão dos tipos de interação ocorrentes na relação professores e aluno, e ensino dos gêneros orais na sala de aula.

Dentre as questões da entrevista realizada com os docentes, temos:

1. É importante trabalhar os gêneros orais em sala de aula? Por quê?
2. Qual é a importância dada ao trabalho com os gêneros orais?
3. Os gêneros escritos devem ser mais priorizados que os orais?
4. Todos os gêneros orais são ensináveis? Quais tipos você já trabalhou em sala de aula?
5. Podemos fazer uma ponte entre os gêneros orais e os escritos? Como?

A partir das proposições feitas, fizemos um quadro referente às respostas. Será utilizado o código P1 a P5 correspondendo aos professores entrevistados, podemos ver na sequência a análise das respostas de cada profissional:

PERGUNTAS	RESPOSTAS	P1
1.	Sim, claro, pois os alunos precisam entender que os gêneros orais fazem parte de uma situação, também, de formalidade.	
2.	Pouquíssima, pois a tendência é supervalorizarmos os gêneros escritos, principalmente nas séries finais.	
3.	Não, ou pelos menos não deveríamos, mas nos encaminhamos para essa prioridade.	
4.	Acredito que não, há gêneros, como uma conversa do cotidiano ou um telefonema, por exemplo, que não precisa ser ensinado, o aluno já domina. Trabalhei seminário e debate.	
5.	Com certeza, devemos apresentar o gênero oral e mostrar a sua relação com o escrito.	

PERGUNTAS	RESPOSTAS	P2
1.	Sim, porque os alunos devem conhecer tantos os escritos quanto os orais.	
2.	A importância é pouca.	
3.	Sim, pois são os exigidos no ENEM e nos concursos.	
4.	Sim. Fiz trabalho com o gênero seminário.	
5.	Acredito que não, pois são bastante distintos.	

PERGUNTAS	RESPOSTAS	P3
1.	Sim, pois é mais próximo da realidade do aluno.	
2.	No âmbito escolar, a importância é mínima.	
3.	Não, pois um não substitui o outro. Ambos são importantes.	
4.	Os gêneros que são mais espontâneos não precisam ser ensinados, mas os mais complexos sim, como seminários, debates, entrevistas, entre outros.  Eu, por exemplo, trabalho muito esses gêneros complexos com os meus alunos.	
5.	Sim, o aluno compreende a funcionalidade dos gêneros escritos quando fazemos este elo com os orais. Assim, precisa-se compreender que em um debate o sujeito se utiliza de argumentos que posteriormente são necessários para a produção de textos dissertativos.	

PERGUNTAS	RESPOSTAS	P4
1.	Sim, pois devemos avaliar, também, a oralidade do aluno.	
2.	Nas aulas de Língua Portuguesa essa importância quase não existe, há uma prioridade ao ensino dos gêneros escritos.	
3.	Não, mas na realidade é isso que ocorre mudar essa realidade é algo que está muito distante.	
4.	Não, pois os espontâneos, por exemplo, uma conversa não precisa ser ensinada, o aluno já o utiliza em situações diversas de interação.  Trabalho entrevista, seminário e debate.	
5.	Sim, a partir de um trabalho envolvente em que um gênero oral tenha um elo exclusivo com o outro escrito.	

PERGUNTAS	RESPOSTAS	P5
1.	Sim, pois de acordo com os PCN eles devem ser ensinados.	
2.	Quase nenhuma, o ensino de Língua Portuguesa visa muito os gêneros textuais escritos.	
3.	Não deveriam, entretanto eles são os prioritários.	
4.	Não. Eu trabalho mais debates e seminários. Sei que tem outros mais	

	esses dá para trabalhar mais.
5.	Sim, devemos tentar mostrar a relação de um com o outro durante as atividades desenvolvidas em sala de aula.

O professor 01 deixa claro que os gêneros escritos são supervalorizados, além disso, percebemos que ele também o prioriza ao destacar “nos encaminhamos para essa prioridade”. O professor destaca a importância de mostrar a relação do gênero oral com o escrito, mas não diz como. Para Libâneo (1994, p. 27) “a organização dos conteúdos da formação do professor em aspectos teóricos e práticos de modo algum significa considerá-los isolados. São aspectos que devem ser articulados”. Mas, para que isso aconteça na prática o professor precisa estar ciente do seu papel no processo de ensino-aprendizagem.

O professor 02 afirma estar ciente da pouca valorização dada aos gêneros orais, mas, mesmo assim, deixa claro que os escritos são prioridades. Para firmar a sua tese com relação à importância aos gêneros escritos destaca que “são os exigidos no ENEM e nos concursos”. É possível perceber que o mesmo não faz um trabalho sistemático em sala de aula envolvendo os gêneros orais, talvez porque desconheça as suas peculiaridades, pois ao ser questionado com relação a um elo entre os orais e os escritos, o professor afirma que são bastante distintos, acreditando não ser possível um trabalho dentro dessa perspectiva de ensino.

O professor 03, não diferentemente do que fora apresentado pelo docente 02 com relação ao espaço de um trabalho envolvendo os gêneros orais, afirma que esse espaço é mínimo, no entanto, referente a outros aspectos apresenta uma visão bastante distinta do mesmo, pois, além de trabalhar com os gêneros orais e relacioná-los para uma aprendizagem significativa, demonstra compreender bem o papel a ser atribuído pelos gêneros orais em sala de aula nas aulas de língua portuguesa. Percebemos que a ideia desse docente corrobora com As Matrizes de Referência do SAEB (2001, p. 17) – Sistema de Avaliação da Educação Básica:

Um sujeito competente no domínio do uso da linguagem é capaz de compreender e produzir textos orais e escritos adequados às situações de comunicação em que atua; de posicionar-se criticamente, formulando perguntas e articulando respostas significativas em variadas situações.

O ensinar dos docentes deve abranger os eixos da oralidade e da escrita, dentre os demais necessários à formação do sujeito perante a sociedade. É necessário ter um olhar voltado para essa perspectiva.

Os professores 04 e 05 destacam que a oralidade também precisa de seu espaço no âmbito escolar, entretanto, afirmam que na prática, nas aulas de língua portuguesa são os escritos que prevalecem. Os orais mais trabalhados são os seminários e os debates. Ambos docentes afirmam ser possível fazer um elo entre os gêneros orais e os escritos, mas não deixam claro como deve ser feito na prática.

Mediante as respostas dadas pelos professores percebemos que o ensino dos gêneros orais ainda está bastante distante da realidade de muita prática docente. Muitos não fazem distinção entre os gêneros orais ensináveis e os não ensináveis, além de terem destacado a relevância dada aos gêneros escritos.

Considerando os gêneros orais mais trabalhados em sala de aula, seminário e debate, em sua maioria o ensino em sala de aula é centrado no professor, o aluno normalmente atua durante o momento de tirar as dúvidas, ou durante realizações de debates. Observamos que um trabalho com foco no gênero oral ocorre durante apresentação de seminários. Assim, esse tem sido talvez o único gênero presente nas aulas de língua portuguesa de forma a aguçar os conhecimentos e as habilidades orais dos discentes.

#### **4. Considerações**

Os gêneros orais ainda precisam ganhar mais espaço nas aulas de Língua Portuguesa, nas escolas e nos livros didáticos, pois, há um privilégio pelo uso dos gêneros textuais escritos. A escrita representa um domínio linguístico de status para a grande maioria e como exigência para o ingresso à sociedade há uma grande ressalva ao domínio da norma culta.

Desta forma, percebemos que a oralidade é vista como inferior por não exigir tanto quanto a escrita, os próprios professores não fazem referência a trabalhos que partam e envolvam a oralidade, pois a prioridade é a escrita.

Percebemos a ineficiência de muitos âmbitos escolares em apresentar uma proposta sistêmica voltada à oralidade. Há certa resistência ao ensino dos gêneros orais o que requer maior envolvimento dos docentes a respeito dessa prática em suas aulas.

#### **5. Referências**

BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília: MEC/ Semtec, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento preliminar. MEC. 2ª ed. – Brasília, DF, 2016. 652p.

LIBÂNEO, J. C.. **Didática** (coleção magistério. Série formação do professor). Cortez, 1994. São Paulo.

MACIEL, D. C. **Oralidade e ensino: saberes necessários à prática docente.** Recife: EDUPE, Editora Universidade de Pernambuco, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Letramento. In: \_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita** – Atividades de Retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da fala para escrita. Atividades de retextualização.** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATRIZES DE REFERÊNCIA DO SAEB 2001. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/saeb/matrizes.htm>

OLABUENAGA, J.I. R.; ISPIZUA, M.A. **La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa.** Bilbao, Universidad de deusto, 1989.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B. **Palavra e ficcionalização um caminho para o ensino da linguagem oral.** In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros Orais e Escritos na escola/ tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.